

CAPÍTULO 1

Como tudo começou

“Sempre que entro naquele hospital, sinto-me muito pequena diante de tanto sofrimento, de tão enorme tarefa” (Eleny Vassão).

“Por meio do novo nascimento, o Espírito realiza outra criação em Cristo, passando a habitar no crente e a transformar a maneira de pensar e o comportamento dele. As perspectivas e os valores dele mudam, e o foco da atenção sai do eu e se posiciona em Cristo” (John F. MacArthur, Jr.).

“Fé é dom de Deus a nós; nós não a geramos por nós mesmos (Ef 2.8-9). A fé é originada pela graça, sustentada pela graça e ativada pela graça. A graça penetra na alma do crente, gerando e mantendo a fé. É somente pela graça de Deus que cremos em Cristo, e é pela graça que permanecemos crendo” (John F. MacArthur, Jr.).

Como por um milagre, o corredor do pronto-socorro estava silencioso naquela manhã.

Eu conversava calmamente com um homem franzino que, deitado em sua estreita e fria maca, reclamava da vida. Diante do diagnóstico de câncer em estado avançado, sabendo-se com os dias contados, passou a reavaliar seu passado, descobrindo em tudo uma “mesmice”, um “correr atrás do vento”, um enorme vazio. Quando comecei a lhe falar da necessidade de ter a Jesus como Salvador, pois só ele poderia lhe dar a razão para viver, não quis mais dialogar. Insistiu que já era religioso, espírita, e que isto lhe bastava, mesmo tendo uma terrível insegurança quanto ao que lhe aconteceria após a morte.

Tendo ouvido as “boas-novas” do evangelho, rejeitou-as. Apegou-se à sua religião, dizendo-me que esta o salvaria, mesmo que não soubesse como.

Caminhei pensativamente por aquele corredor semivazio. Pensava em minha própria vida e em quanto tempo ficaria apegada à minha religiosidade, sem descobrir que por si só ela não levaria a nada.

“Nasci” na igreja. Antes que pudesse andar, falar ou até mesmo protestar, já ia à igreja nos braços de meus pais.

Aos poucos, fui crescendo e me acostumando às pessoas, aos cultos, ao ambiente, aos hinos, e tudo isso passou a fazer parte da minha vida. Na adolescência, minha maior alegria era encontrar a turma de amigos da igreja. O dia mais esperado da semana era o domingo. Nós nos encontrávamos na escola dominical e exibíamos uns aos outros nossas roupas novas, paquerávamos os rapazes e fazíamos programações sociais para o sábado seguinte. Tudo era festa. Quando era obrigada a viajar com meus pais, fazia-o sob protesto, com má vontade, contando os minutos para a volta e o reencontro com a “turma”.

De religiosa a filha de Deus

Aos 13 anos fui ao Acampamento Palavra da Vida em Atibaia/SP. Gostei muito das palestras, dos preletores, dos corinhos, das brincadeiras, do local, dos rapazes... mas nenhuma das mensagens pregadas teve qualquer efeito sobre mim. Foram excelentes mensagens, dadas por homens de Deus, mas eu estava muito acostumada a ouvir mensagens bíblicas. Já me considerava crente por ser filha, neta e bisneta de crentes. Família tradicionalmente presbiteriana! Sentia-me bem protegida!

Todas as noites havia o “compartilhar” nos quartos, antes do horário de dormir, quando nossa conselheira, Satie Júlia Mita, compartilhava algo bem prático de sua vida com Jesus. Foi esse seu modo simples e profundo de mostrar um cristianismo vivo que me levou a pensar sobre minha vida e descobrir que eu era apenas religiosa, mas não estava salva e não tinha comunhão com Deus. Ali naquele dormitório, no silêncio da noite, orei secretamente pedindo a Jesus que entrasse em minha vida e se tornasse meu Salvador. Não foi algo emocional e passageiro; foi real.

Mas entre ter a Jesus como Salvador e tê-lo como Senhor há uma grande distância. Meu egocentrismo impediu-o de agir profundamente em minha vida por muitos anos. Em minha mente, Deus era um ser importante demais para lidar com os detalhes de minha vida. Era alguém para ser cultuado aos domingos na igreja e ficar por lá mesmo durante a semana, aguardando por mim até o domingo seguinte. Sentia-me importante, muito esperta e com a mente cheia de planos; pensava ser completamente capaz de dirigir meu futuro. Temia tornar-me semelhante àqueles “crentes fanáticos” que falavam tanto em Jesus, pois sua conversa me deixava realmente irritada.

Desfilava em todos os lugares com um lindo e simpático sorriso no rosto; enquanto ganhava a admiração e o elogio de todos, que me consideravam uma alegre e feliz mocinha, extremamente crente e moralmente perfeita, enganava a muitos. Ninguém sabia que em meu coração havia um grande vazio, a falta de um alvo, um objetivo para viver. Vivía a correr atrás de coisas que me trouxessem alegria.

Mas uma coisa que me deixava realmente feliz era ir ao Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas de São Paulo, participando das programações e cultos com a UMP (União de Mocidade Presbiteriana) da Igreja Presbiteriana da Lapa. Aquele “cheiro de hospital” fazia com que me sentisse bem, e minha vontade era ficar trabalhando naquele local, embora estivesse com apenas 14 anos de idade.

Aos 17 anos estava terminando o segundo grau, e meu grande sonho era estudar Medicina ou alguma outra profissão que me proporcionasse o prazer de estar sempre dentro de um hospital, em contato com os pacientes. Mas estudar tantos anos e me dedicar totalmente a essa profissão maravilhosa me impossibilitaria de me casar, ter filhos e cuidar deles como gostaria. Acabei deixando de lado a ideia sobre Medicina. Pensei em estudar Psicologia, pois gostava muito de ouvir as pessoas e aconselhá-las, mas sentia que queria algo ainda mais profundo, algo que realmente oferecesse respostas ao ser humano. Quis até ser missionária, mais fui desestimulada por meus pais que diziam ser essa “profissão” muito sacrificial e que eu precisaria estar disposta até a passar fome. Eu admirava muito os missionários que deixavam tudo e partiam para lugares difíceis e distantes, para anunciar o evangelho de Cristo. Mas eu sentia que não estava disposta a deixar todos e arriscar-me por “amor pelas almas”. Como tinha facilidade para desenhar e pintar telas, tendo feito alguns cursos nessa área, acabei cursando a Faculdade de Belas Artes e formando-me em Artes Plásticas. A arte, para mim, era um bom passatempo, mas nada mais que isso. O vazio continuava. Ainda me faltava um propósito maior na vida.

Casei-me com um homem muito bom, tivemos quatro filhos queridos e maravilhosos (Dalton, Davi, Denis e Daniel) e fomos morar em uma boa casa. Com casa e família para cuidar, dando aulas de pintura a óleo, regendo o coral da igreja e lecionando uma classe de escola dominical, deveria sentir-me satisfeita, mas alguma coisa ainda fazia sentir-me quase inútil.

Certa vez, um seminarista, amigo muito querido, de quem cuidara durante sua enfermidade, disse-me: “Eleny, Deus lhe deu o dom da misericórdia. Ele tem algo muito especial para você, ‘moça’! Ele fará de você uma grande evangelista!”

Quase dei risada daquela ideia tão absurda. Eu, evangelizar? Nunca! Tinha vergonha de abrir a boca para falar de Deus às pessoas e ainda tinha muito medo de tornar-me “fanática”. Mas dentro de mim nascia uma guerra, uma série de perguntas para as quais não havia respostas: “Se Deus tem mesmo um plano especial para a minha vida, como vou descobri-lo?”

Descobrimo o propósito de Deus para a minha vida

Comecei a buscar mais a Deus por meio da leitura da Bíblia, clamando insistentemente pela oração para que ele me desse uma resposta e me tornasse útil. Aos poucos começava a compreender na prática o que é “ter sido feita para o louvor da sua glória”. Certo dia, um versículo que nunca chamara minha atenção pareceu saltar-me aos olhos: “Ele morreu por todos, para que os que vivem não vivam mais para si mesmos, mas para aquele que por eles morreu e ressuscitou” (2Co 5.15).

Descobri outra finalidade na morte de Jesus. Além de me perdoar, salvar e dar certeza de uma vida abundante e eterna, ele queria algo de mim! Ele morreu por mim para que eu vivesse para ele! Comecei a descobrir o sentido da palavra *servo*: uma pessoa posta à disposição de outra; escravo. E o único padrão autêntico foi Jesus, o servo sofredor, que deu sua vida por amor de nós para ser a *ponte* entre o homem e Deus, para nos reconciliar com o Pai.

Por amor... Ele morreu por amor e nos constrange a viver por ele, como seus servos, pelo mesmo motivo: por amor: “Pois o amor de Cristo nos constrange, julgando nós isto: um morreu por todos; logo, todos morreram” (2Co 5.14).

Dr. Bruce Waltke, citado no livro *Cura para o Coração*, diz que “Saber a vontade de Deus é uma questão do coração”, e ele observa:

Deus quer que você seja um homem ou mulher de Deus – essa é a vontade dele para a sua vida! Ele quer ver o desenvolvimento do seu caráter. Temos o Espírito Santo em maior medida do que tiveram os santos do Antigo Testamento, e ele desenvolve o nosso caráter... Discernir a mente de Deus é algo que não poderá ser feito à parte do desenvolvimento do caráter. Você jamais poderá conhecer o coração de Deus por um processo divino, mas tem à sua disposição um modo de ter um coração como o dele. Ele quer trabalhar na sua vida por meio do Espírito Santo e da Palavra, a fim de produzir virtude – para que você tenha a mente de Cristo.

Entreguei-me em suas mãos, reconhecendo-o como meu Senhor, disposta a viver para ele, amá-lo sobre todas as coisas e servi-lo onde ele quisesse usar-me. Só então comecei a viver atenta aos seus planos, buscando a sua vontade.

Não me lembro bem nem quando, nem onde ouvi falar em Capelania Hospitalar. Não sabia o que era ou para que servia, mas minha curiosidade levou-me a buscar informações.

O que descobri deixou-me muito entusiasmada. Soube que o então capelão do Hospital das Clínicas de São Paulo, pastor Marcos Petriaggi, estava dando um curso de Capelania Hospitalar no próprio hospital, para os alunos do quarto ano da Faculdade Teológica Batista de São Paulo. Tendo este curso em vista, comecei a preparar-me: matriculei-me no primeiro ano do Curso de Treinamento de Líderes do Seminário Bíblico Palavra da Vida, disposta a enfrentar os quatro anos de curso teológico.

Voltei a procurar o capelão; em razão da minha insistência, obtive sua permissão para frequentar as aulas de Capelania como ouvinte. Concluído o curso, como dispunha de duas manhãs livres por semana, ofereci-me para o trabalho, iniciando pelo décimo andar do Instituto Central do Hospital das Clínicas de São Paulo.

Conflito entre lar e ministério

Mas como lidar ao mesmo tempo com o ministério de Capelania e com quatro filhos pequenos, sendo que o menor estava com apenas 1 ano? Como não deixar as crianças nas mãos de outros para servir ao Senhor, se estava certa de que já estava servindo-o ao ensinar meus filhos a andar em seus caminhos? Eu sabia que a prioridade que ele havia dado a mim era a de ser esposa e mãe, mas ainda haveria algum espaço para ser também uma missionária, equilibrando todas as áreas?

Descobri que, como tinha uma excelente ajudante que trabalhava em minha casa e amava as crianças, podia levar os três maiores para a escola à tarde e deixar o menor dormindo, aos cuidados dela. Enquanto isso, ficava trabalhando na Capelania do hospital. Depois, pegava-os na escola e ia para casa.

Comecei fazendo isso dois dias na semana e depois fui ampliando, quando todas as áreas começavam a se encaixar.

Depois de algum tempo, passei a trabalhar também no pronto-socorro, ao mesmo tempo em que ajudava o pastor Marcos como auxiliar de Capelania. Aos poucos, pude estender o atendimento espiritual aos pacientes dos outros prédios. Alguns pastores e membros de suas igrejas prontificaram-se a ajudar-nos, tendo recebido antes um treinamento. Logo fui “promovida” a capelã assistente do pastor Marcos, pela graça do Senhor.

Sou muito grata a esse amigo pelo incentivo que me deu e pela confiança depositada em mim. Ele nunca monopolizou a Capelania, mas deu liberdade a todos aqueles que têm amor à causa, preparando-os para servir a Deus por meio desse ministério.